

## VIII – “AMO-TE MUITO, MEU AMOR, E TANTO” A POTÊNCIA FANTASMÁTICA DA RESSONÂNCIA CAMONIANA

**Ângela Beatriz de Carvalho Faria\***

Em “Amo-te muito, meu amor e tanto” (o VIII de *As Evidências* – “poema em 21 sonetos”, 1955), de clara ressonância camoniana, a ética e a estética da existência entrelaçam-se e evidenciam um “compromisso entre um ser humano e o seu tempo, entre uma personalidade e uma consciência sensível do mundo”, como se lê em “A Poesia É só Uma” (*Cadernos de poesia*, 6).

Dotado da cultura, erudição e contestação que lhe são próprias, Jorge de Sena exprime o que entende por “dignidade humana” – “uma fidelidade à responsabilidade de estar no mundo” em liberdade. A lírica camoniana revela-se um espectro entrevisto, imagem sobrevivente retida no imaginário do sujeito desejante, artesão de si próprio e do objeto amado, a ser transfigurada em novo tom poético. Ao transmitir o *páthos* em diferentes tipos de gestos, a consonância erótico-amorosa buscará o “amor que a tudo mova e nos refaça”, apesar da consciência política da rejeição, do não reconhecimento intelectual e da privação do canto em meio à noite totalitária. Segundo Eduardo Lourenço, em *As Evidências de Eros*, “só o amor em sua plenitude renovada equilibra e restabelece os homens na unidade perdida”. E surgem os questionamentos: Até que ponto, ao rememorar a poética de Camões, Sena ratifica a acepção platônica do amor, privilegiando a premência do ideal inteligível sobre o “real” imediato ou sensível ou afasta-se dela? Ou como concilia o que se revelava, aparentemente, inconciliável na época renascentista: o sensível e o inteligível, o corpo e a alma, a encruzilhada de desejos opostos que se atraíam, se repeliam e coexistiam? De que maneira entretece *Eros* e *Logos* – instâncias do discurso persuasivo e amoroso?

Nossa leitura será baseada nos limites do dizível e do indizível e na renovação da dialética camonianiana, a partir do *desejo-apetite* e do *desejo-aspiração* na ótica neoplatônica. Entremeemos as nossas reflexões às de J. A. Motta Pessanha (“A água e o mel” – *O Desejo*, org. Aduauto Novaes).

Neste soneto, o sujeito, ao instaurar a amada desejada como um destinatário interposto no discurso, através do vocativo (“meu amor” – v.1), reafirma “o *desejo* enquanto *aspiração*, enquanto anelo, a remeter a alma ascensionalmente, na direção de sua condição originária” (o amor em si e sua intensidade, assinalados pela gradação semântica de base adverbial – “amo-te muito”, “tanto”, “mais” e “mais ainda”), e, o “*desejo* enquanto *apetite*”, “que crava a alma no corpo, prendendo-a à horizontalidade da imediatez, do factual e do empírico”: o “ter-te” (v.2), indiciador da posse corpórea pressuposta, será ratificado pela posição do sujeito em “Deitado à tua beira” (v.12). O “encanto”, inerente à mulher amada, a ser desvendado (“Que encanto é o teu?” – vv. 5 e 13), anaforicamente intensifica-se com a posse e esclarece-se, ao “se rasgar, eterno, o véu da Graça”(v.14). Atentemos para a alegoria maiusculada, passível de desnudar a abstração sensível da Ideia e a necessidade de definir, em forma de síntese, o inefável, o indizível, o incomensurável – a condição humana da aparência, o sensível realmente vivido. Ao “rasgar-se o véu”, passa-se da obscuridade do desconhecimento à luminosidade do esclarecimento. Ascende-se à ascese platônica para o conhecimento do Bem em si, do Belo e da Verdade, o que denota “um impulso ascendente e jubilatório de exaltação da vida no apogeu da sua dignidade” (L. Adriano Carlos, *Jorge de Sena: Ressonâncias e Cinquenta Poemas*, org. Gilda Santos).

Jorge de Sena e Camões revisitam Platão: “amor e fala”, “amor e discurso”, “amor e palavra” estão intrínseca e definitivamente interligados. Há para os autores a cumplicidade entre *Eros* e *Logos*. Ambos, ao vivenciarem o “desconcerto do mundo” e exercitarem a “escrita de si” e a “invenção heróica de si mesmos”, utilizam a expressão poética como “acto filosófico e

sociopolítico”. Simultâneos à elegia ao ser amado e desejado surgem, através de deslizamentos de sentidos, a sátira e a denúncia ao sistema social vigente, o metafórico banimento do poeta da *República* platônica, a privação da liberdade de “um cântico da terra e de seu povo” (v.9). O “encanto” contínuo e indestrutível da amada “continua” (v.5), apesar da “traição dos que, viscosos, prendem, / por uma paz da guerra a que se vendem, / a pura liberdade do meu canto” (v.8). Observa-se, assim, a presença do “dito’ e do “interdito” e o sutil paradoxo: o gozo pressuposto e a liberdade erótico-amorosa contrapõem-se à privação ou prisão do canto utopicamente libertário. O sujeito da enunciação poética inscreve-se como testemunho de um tempo histórico e de seu banimento da ordem social e cultural, mas a sua consciência humanística não se esvanece, uma vez que “a cada instante há que inventar de novo” (v.11) “um cântico da terra [desejada] e de seu povo” (v.11).

---

\* Professora de Literatura Portuguesa na UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde obteve os títulos de Mestre e Doutor. Privilegiando a ficção portuguesa contemporânea, \*publicou ensaios e artigos em vários livros, periódicos e anais de congressos. Atual projeto de pesquisa: “A (im)possibilidade de dar corpo ao passado na arte e na narrativa dos séculos XX e XXI”.